

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ  
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY  
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES  
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE  
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ  
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY  
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES  
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE  
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Clarissa De Franco

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## PRÓLOGO

*Luciana Martins Dias e Silva*

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, ai, menina, não vai ter jeito...

Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. E é por isso que, com alívio e prazer, me deparo com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arroboboi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

## APRESENTAÇÃO

*Clarissa De Franco*

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hooks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima

Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

### **CAPÍTULO 3..... 36**

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O *FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>

### **CAPÍTULO 4..... 47**

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena

Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

### **CAPÍTULO 5..... 66**

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS

Clarissa De Franco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>

### **CAPÍTULO 6..... 82**

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>95</b>
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067">https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067</a>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>115</b>
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA <sup>1</sup>	
Clarissa De Franco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068">https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>145</b>
<b>SOBRE OS AUTORES E AUTORAS.....</b>	<b>146</b>

## INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS

**Clarissa De Franco**

Este texto foi publicado em artigo: FRANCO, Clarissa De. Inspirações das “mulheres de Lesbos”: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados. Revista Mandrágora. V.28, n. 1, 2022.

**Resumo:** O artigo aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. A partir da metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos e da imaginação encarnada, o texto traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

**Palavras-chave:** Círculos sagrados, lesbianismo e espiritualidade, imaginação encarnada

### 1 | INTRODUÇÃO

O termo “lésbicas” é uma derivação linguística que envolve a história das “mulheres de Lesbos”, uma ilha grega localizada no mar Egeu. Estas mulheres constituíram entre os

séculos VII e VI a.C. a primeira academia de mulheres, na qual se produzia poesia, dança e música – atividades consideradas masculinas para a sociedade grega antiga (Sandra BOHERINGER, 2007). Safo, a mais conhecida das “mulheres de Lesbos”, foi uma poetisa reconhecida que declarava amor às suas companheiras e foi chamada por Platão de “a décima musa” (Lettícia LEITE, 2017).

Embora Safo tenha escrito sobre amor e sexualidade de uma maneira ampla, a pesquisadora Lettícia Leite (2017) afirma que há menções diretas em fragmentos de seus textos e de textos posteriores que indicariam seu homoerotismo. Ela cita o excerto da ode de número XIII, do segundo livro de Horácio, e também dois trechos da XV carta que compõe as Heroides de Ovídio, em que Safo é representada como alguém que rememora seus amores por jovens mulheres.

Tomamos emprestada a imagem das mulheres de Lesbos e da academia artística das companheiras que acessaram a vida pública reservada ao universo masculino para refletir sobre corpo, lesbianismo e círculos sagrados em uma chave de interpretação da Psicologia Analítica, que tem sido discutida em fóruns, publicações e eventos ligados ao movimento das Lesbianas junguianas. As lesbianas junguianas são um coletivo de mulheres lésbicas latinoamericanas com formação e

publicações na área de Psicologia Analítica e que se articulam entre Argentina, Chile, Uruguai, Colômbia, Brasil, entre outros países latinos. O grupo se organiza por meio das redes sociais<sup>1</sup> e também possuem uma publicação, chamada Fuga: Revista Junguiana de Psicologia, Género y Culturas Dissidentes<sup>2</sup>.

Por opção política, decidimos utilizar nesse trabalho o termo junguiano do espanhol: “imaginação encarnada” – e não “imaginação ativa”, como está em português – por entendermos que a corporificação é um conceito feminista (Donna HARAWAY, 1995). A Psicologia Junguiana tem por método a compreensão dos fenômenos a partir dos símbolos que deles emergem, considerando a amplificação do símbolo como caminho de produção de conhecimento (Eliane PENNA, 2014) e a sensibilidade, os afetos e as imagens são conteúdos de exploração científica. Imaginação encarnada ou imaginação ativa (Carl JUNG, 2013) refere-se basicamente à possibilidade de dar vazão à criatividade diante de um símbolo ou uma imagem que emerge do inconsciente a partir de determinado tema ou situação. O diálogo com o símbolo ou a imagem por meio de criação com arte, dança, música, desenho, teatro, poesia, permite ampliar os caminhos simbólicos, auxiliando nos processos psicológicos de elaboração, integração e cura emocional. Nesse trabalho, o caminho junguiano permitirá destacar e desdobrar alguns símbolos, imagens e mitos ligados às mulheres lésbicas que têm sido amplificados em espaços espirituais como os círculos sagrados.

Portanto, o artigo se propõe a apresentar algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade, levando em conta as inspirações das “mulheres de Lesbos” e da poesia de Safo. Dividimos o texto em dois itens, além desta Introdução, das Considerações Finais e Referências, que são: 1. Explicações teórico-metodológicas do artigo: a imaginação encarnada no universo sacralizado das lésbicas, no qual apresentamos o caminho da Psicologia Junguiana para o universo de aproximações que aqui se desenham; e 2. Inspirações das mulheres de Lesbos, em que destacamos algumas iniciativas que têm incluído as lésbicas nos círculos sagrados e coletivos que unem espiritualidade e autoconhecimento.

---

1 <https://www.instagram.com/lesbianajunguianas/>, acesso em abril de 2022 e <https://www.facebook.com/LJgrupodeactivismo/>, acesso em abril de 2022.

2 <https://revistafuga.home.blog/>, acesso em abril de 2022

## 2 I EXPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ARTIGO: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NO UNIVERSO SACRALIZADO DAS LÉSBICAS

O meu Machado de Labrys<sup>3</sup>, vai ficar na memória  
Fazendo você entender um pouco da nossa história  
da ilha de Lesbos, a poetisa Safo,  
sou Salzikrum a filha Macho  
criadas pra lutar contra a lesbofobia  
hoje são muitas guerreiras nesta correria  
intolerante a qualquer tipo de racismo  
se for pra brigar ai deixa que eu brigo  
linha de frente atravessando todas as cidades  
fazendo a lésbica ter visibilidade

uma mulher que ama outra mulher  
e merece respeito por que sabe o que quer  
a minha mente engatilhada causa terrorismo  
estou pra acabar de vez com o machismo  
atrevida e que arrasta multidão  
pode me chamar se quiser a sapatão  
o nosso grito se espalha em forma de arte  
onde existir o preconceito entramos pro debate  
de todos os lugares sente a nossa malandragem  
o exército é a favor da liberdade.

*Parte da letra do Rap<sup>4</sup> LES Queens\$ de Luana Hansen, Dory de Oliveira e Tiely Queen*

---

3 “Labrys em grego significa “dupla acha”, dupla lâmina, machado duplo. Arma ou instrumento, era utilizada pelos povos das Amazonas. Das profundezas da história humana, em torno de 7000/6500 a.C, nos planaltos da Anatólia – Turquia de hoje –, em Çatal Huyuk, (talvez a primeira aglomeração humana registrada), a imagem da dupla lâmina estava associada aos cultos do feminino, às imagens da Deusa, criadora de todas as coisas”. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys26/labrysbr.html>. Acesso: maio de 2022. A explicação foi retirada do artigo de Letícia Batista Rodrigues Leite: LEITE, Letícia Batista Rodrigues. Quando a “décima musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017. p. 572.

4 O trecho foi retirado do artigo de Letícia Batista Rodrigues Leite: LEITE, Letícia Batista Rodrigues. Quando a “décima musa” inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017. p. 572. O rap pode ser escutado na íntegra em: <https://soundcloud.com/les-queens/les-queens>. Acesso: maio de 2022.

Conforme apresentamos na Introdução, este artigo aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres, a partir da metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos e da imaginação encarnada. A opção deste trabalho pelo uso do termo como utilizado no espanhol: *imaginación encarnada* (imaginação encarnada) e não o comumente utilizado em português: imaginação ativa, refere-se a situar esta produção em alinhamento com alguns pressupostos da teoria feminista, que faz uso da perspectiva de corporificação e objetividade situada.

Donna Haraway (1995) apontou a necessidade das teorias feministas se situarem considerando a complexidade epistemológica que preserva a historicidade e a especificidade corporificada e encarnada em cada experiência, sem abrir mão de critérios das ciências humanas críticas.

As feministas não precisam de uma doutrina de objetividade que prometa transcendência, uma estória que perca o rastro de suas mediações justamente quando alguém deva ser responsabilizado/a por algo, e poder instrumental ilimitado. Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro. (Donna HARAWAY, 1995, p. 15)

A noção de corporificação envolve um compromisso com as vivências reais, concretas e corpóreas, uma “responsabilidade pela diferença” (Donna HARAWAY, 1985, p. 30), que contribui para a produção de conhecimentos não dicotômicos e não universalistas. “O corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno quer de novas identidades pessoais, quer da preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das recontextualizações locais de tendências globais” (Miguel ALMEIDA, 1996, p. 4).

Entendendo, portanto, que o termo “imaginação encarnada” traduz de maneira mais concreta o espírito feminista, assumimos como parte do caminho metodológico e epistemológico o conceito de “imaginação encarnada”, presente na Psicologia Junguiana. Esta abordagem tem por método a compreensão dos fenômenos a partir dos símbolos e imagens que deles emergem, considerando a amplificação do símbolo como caminho de produção de conhecimento (Eliane PENNA, 2014), e a sensibilidade, os afetos e as imagens como conteúdos de exploração científica.

Imaginação encarnada, que em português tem sido utilizado como “imaginação

ativa” (Carl JUNG, 1916/2012), refere-se basicamente à possibilidade de construir e amplificar sentidos para as imagens e símbolos que emergem em situações espontâneas e de rebaixamento da consciência racional, como os sonhos, e analogamente experiências extáticas, religiosas, espirituais... Jung teve uma infância com difícil relacionamento com os pais, demonstrando se sentir solitário em seus questionamentos da vida (Carl JUNG, 1985). Jung chegou a manifestar que estabelecia quando criança uma divisão em sua personalidade (1 e 2) e que a “saída” para lidar com as angústias desse período foi a imaginação. Dentre outras ações, como imaginar os quadros de sua casa “vivos”, em movimento, Jung esculpiu em madeira a figura de um pequeno homem, representando a si mesmo e colocou-o no sótão de sua casa, escondido. Assim, sentia-se em segurança, acolhido em momentos de angústia. (Carl JUNG, 1985).

A imaginação encarnada é assim definida por Jung: “Um método de introspecção (...) que consiste na observação do fluxo de imagens interiores: concentra-se a atenção em uma imagem onírica que causa impacto, mas é ininteligível, ou em uma impressão visual, observando-se as mudanças que ocorrem na imagem”. (Carl JUNG, 1941/2012, p.192).

Este “trabalho” da imaginação encarnada toma expressões variadas (pintura, desenho, escultura, dança, poesia, teatro...), em que a pessoa cria gradativamente uma rede de significados associados à imagem original, permitindo uma integração das temáticas evocadas com aquela experiência simbólica. “Deve permitir que a fantasia se expanda o mais livremente possível, mas não a tal ponto que fuja da órbita de seu objeto, isto é, do afeto, realizando, por assim dizer, uma interminável cadeia de associações cada vez mais ampla” (Carl JUNG, 1916/2012, p. 28).

Na clínica, o processo da imaginação encarnada faz parte da amplificação simbólica e seria análogo a sonhar acordada/o, reagindo, criando e construindo significados em diálogo com o símbolo em destaque. Já no processo de produção acadêmica, a imaginação encarnada é o caminho que permite a fluidez das imagens, possibilitando que uma rede de significados seja tecida com espaço para os afetos, as integrações e conexões que dali surgem.

Na Psicologia junguiana, este caminho da imaginação encarnada apoia o processo de individuação, em que cada pessoa elabora sua própria jornada de vida, enfrentando os aspectos sombrios e assumindo uma história autêntica, por meio da criação. Trazendo este processo para o contexto lésbico, Carolina Guiñez (2019) afirma:

Quando uma lésbica se conecta com seu desejo, ela está tornando consciente um aspecto de sombra, pois é um aspecto de sua personalidade que é rejeitado na cultura heteropatriarcal em que está inserida. Mas na medida em que a sombra se integra à consciência, ocorre o desenvolvimento de processos criativos, pois, como aponta Maite del Moral (2006), o impulso criativo só pode vir do inconsciente. A criatividade se expressa, assim, na articulação de seu próprio modo de existência, no sentido heideggeriano,

uma vida autêntica, em sintonia com o Eu, abandonando o lugar atribuído desde o nascimento, o lugar de mulher, heterossexual, esposa, mãe... uma viagem em direção ao lesbianismo, onde não é possível saber de antemão o que ali se encontrará, pois é justamente a possibilidade de criar o que faz do lesbianismo um espaço de liberdade e construção de novos mundos. É por isso que o lesbianismo é irmão do feminismo desde seu início, pois tem um sentido transformador e, com ele, nos abre para a possibilidade de nos tornarmos outras. (Carolina GUIÑEZ, 2019, s.p.)

O caminho junguiano da expressão criativa construindo lugares e significados para a existência ecoa no universo lésbico e feminista, que tem tido esses lugares existenciais negados em função de complexos culturais que associam a homossexualidade a imagens de abjeção, termo proposto por Julia Kristeva (1980).

A metáfora da arte como forma de criação existencial é também utilizada pela feminista decolonial Yuderkys Espinosa Miñoso (2007, p. 142), quando indica que:

A artista-autora, a verdadeira criadora, feminista mesmo sem saber, é aquela que ousou iniciar uma busca que não sabe onde leva. Libertar-se do lugar imposto já faz parte de seu próprio trabalho, porque ousou zombar de si mesma e de suas próprias constrações fundacionais, e começou a investigar e produzir sua própria palavra, seus próprios sentidos do mundo e sua própria corporalidade. (...) E é por isso que não podemos deixar de perceber que a primeira grande obra de todo artista criativo é fazer-se, recriar-se de fora ou em posição crítica aos mandatos culturais que lhe conferem um lugar no mundo. A sua arte torna-se pretexto para a sua própria criação.

O lugar e a morada lésbica tem sido fonte de construção inclusive epistemológica. Em espanhol: a “epistemologia tortillera” ou “epistemologia sapatona” tem sido estabelecida como parte de “um ethos, ou seja, como uma forma de ser e habitar a existência (...) que constitui um olhar sobre o mundo, nos fornece uma linguagem, uma forma de narrar(nos) e fantasiar” (Valeria KIERBEL, 2019, s.p.),

Com base neste referencial teórico-metodológico, partimos agora para os desdobramentos das imagens e símbolos que surgem no contexto de coletivos feministas ligados aos círculos sagrados que têm repercutido as inspirações de Safo e das mulheres de Lesbos, de forma a construir lugares existenciais autênticos, íntegros e conscientes do caminho da individuação.

### 3 | INSPIRAÇÕES DAS MULHERES DE LESBOS

Afrodite,

Senhora dos amores,

Dai força a todos aqueles que amam alguém do mesmo sexo.

Dai força para que lésbicas, bissexuais e gays possam lutar contra a ideologia que os impedem de amar.

Abençoa-lhes os amores, auxilia para que vivam em um ambiente seguro.

Conforta quem já perdeu alguém amado num crime de ódio e puna os criminosos que o fizeram.

Proteja as mulheres que amam outras mulheres e temem por sua segurança e de suas amadas.

Proteja os homens que amam homens que temem a violência contra eles e seus amados.

Grandiosa Afrodite, proteja-os

O amor deles é tão sagrado quanto qualquer outro e merece viver em tua bênção.

Círculo Vale das Brumas, grupo Wicca da cidade de Pelotas, RS

O Círculo Sagrado Vale das Brumas, de Pelotas, Rio Grande do Sul, postou a oração poética acima em 2016 em sua página do Facebook<sup>5</sup>, afirmando repudiar a lesbofobia e homofobia. A menção à poetisa de Lesbos Safo foi indicada. A oração à deusa Afrodite, que no imaginário do senso comum está associada ao amor, é justamente sobre o direito ao amor e à sacralidade do amor, ou melhor, aos amores, no plural: mulheres que amam mulheres, homens que amam homens. Mas é também uma oração que aproxima os amores plurais da necessidade de segurança e proteção por conta da ameaça à violência.

Andréa Osório (2004, p. 157) indicou que a Wicca “assenta-se em uma cosmovisão que dá à mulher um valor e um papel preponderantes no universo, não apenas dentro da prática ritualística, mas também na interpretação mitológica”. Apesar dessa centralidade da mulher, há que se perguntar a que mulheres estamos nos referindo? A todas? Ou somente a algumas? Ela complementa:

Lésbicas, embora sejam homossexuais, permanecem dentro da categoria mulher, o que significa que o poder da bruxa é intrínseco à mulher, não importando qual a expressão de sua sexualidade. Ele é inerente e por isso não exclui as lésbicas. Os homossexuais masculinos, contudo, só se fazem inserir no sistema wiccano através de um artifício de gênero (...) O homossexual masculino na Wicca se torna mais próximo às mulheres. (Andréa OSÓRIO, 2004, p. 162).

Em artigo anterior realizado em parceria (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019), apontamos a transfobia presente em diversos círculos sagrados, baseada em aspectos normativos biológicos, já que muitos desses grupos acabam por reforçar os binarismos de gênero a partir da enaltação de atributos corporais que seriam exclusivistas de gênero, como a menstruação, o útero ou a maternidade, excluindo, desse modo mulheres que não se encaixam nesse universo, como as mulheres transgênero. No

<sup>5</sup> <https://www.facebook.com/ValeDasBrumas/>, acesso em maio de 2022.

caso das mulheres lésbicas, esse argumento dialoga com outras perspectivas, já que anatomicamente as lésbicas preenchem os “pré-requisitos” do sagrado feminino.

Identificamos que há, portanto, uma diferença no tratamento recebido por pessoas transgênero e por mulheres homossexuais nos círculos sagrados. Notamos que há diferenças nas formas de se encarar a sexualidade e a identidade de gênero nos grupos wiccanianos. Tomando as palavras de Daniela Cordovil (2015), tais grupos “consideram que toda forma de restrição ou moralismo no que tange a sexualidade é um empecilho à plena realização humana. O que não significa que não devam existir regras e uma ética relacionada ao cuidado com o corpo e ao exercício da sexualidade” (Daniela CORDOVIL, 2017, p. 95).

Nossa hipótese nesse sentido é que a transfobia presente em alguns círculos sagrados femininos e masculinos é pautada em um desconforto ligado à cosmovisão Wicca, que, embora seja aberta a orientações sexuais não tradicionais, ainda não se dissocia completamente do binarismo de gênero, quando identifica a sacralidade feminina a características anatômicas e psicológicas do que seria a representação da essência da mulher. mesmo com as recentes revisões destas perspectivas, não chegamos ainda a um trânsito pleno das pessoas transgênero nos círculos sagrados (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo. 2019).

Além disso, o universo lésbico, apoiado em sua imagem originária das “mulheres de Lesbos” tem a presença de elementos como solidariedade, companheirismo, acolhimento e pertencimento entre mulheres (Sandra BOHERINGER, 2007), e algumas destas características, em especial o acolhimento e o pertencimento são vitais para a manutenção dos círculos sagrados, que se expressam no apoio dos círculos à resolução de contradições femininas contemporâneas (Daniela CORDOVIL, 2015).

Ainda que a cosmovisão da Wicca e dos círculos sagrados seja de valorização da mulher e de um exercício sexual mais livre em relação aos padrões tradicionais de outras religiões, o binarismo de gênero é reforçado pelo instrumental mágico, pelos rituais e também pela cosmologia, já que boa parte do material mágico das bruxas contemporâneas está atrelado ao universo doméstico, como caldeirão, vassoura, adaga, colher de pau (Andréa OSÓRIO, 2004). Além disso, as divindades, símbolos e princípios cósmicos são divididos em masculinos e femininos, há rituais do Sol e da Lua, e existe destaque a partes biológicas da mulher, como o útero.

Para Rocha e Oliveira (2014), o culto a divindades Queer, andróginas, homossexuais, não binárias, transgênero (como o deus azul Dian Y Glas), têm aumentado nos grupos Wiccanos, o que pode ser um caminho para maior abertura à participação LGBTQIA+.

Mesmo reconhecendo um espaço de maior abertura para lésbicas que para mulheres transgênero nos círculos sagrados e também aos homens gays, alguns espaços

e depoimentos demonstram que o preconceito ainda é presente. A página: <https://www.femininosagrado.com.br/ha-muito-preconceito-contras-lesbicas/> apresenta o depoimento de uma mulher, Laura Bacellar, sobre o preconceito contra lésbicas nesses espaços, no livro *Círculo de Mulheres: as novas irmandades*, de Beatriz Del Picchia e Cristina Balieiro (2019).

A militância em defesa do direito das lésbicas dentro e fora dos círculos sagrados ainda é uma realidade necessária. O ativismo em defesa dos direitos humanos de homossexuais vindo do grupo religioso que se apresenta como “Grupo de Wicca da cidade de Pelotas, RS”, mescla-se com postagens que oferecem atendimentos esotéricos com pedras e tarô, anúncios de festivais de deusas, ofertas de feitiços. Tal mistura, que pode ser vista como ambígua, em função das linhas diretivas que orientam o debate político feminista, de um lado, e o debate mágico-esotérico-espiritual do sagrado feminino, de outro, justifica-se pela lógica da resolução de contradições femininas da contemporaneidade, já aqui citada (Daniela CORDOVIL, 2015) e pelo conhecido empoderamento das mulheres por diversas vias.

Uma das poesias da brilhante Safo que chegou até a contemporaneidade e que provavelmente teria influenciado este grupo foi *Ode a Afrodite*, que se revela como um pedido aflito de Safo à Afrodite para que a deusa seja uma aliada no amor que sente por outra mulher.

Ó Afrodite sem-morte, do manto florido ofuscante,  
filha de Zeus, tecelã de ardis,  
suplico-te, ó dominadora,  
não me abatas de angústias e dores  
(...)

e o que mais desejo  
que na alma inquieta se cumpra.  
“A quem queres que dobre a teu amor,  
ó Safo? Quem te ofende?”

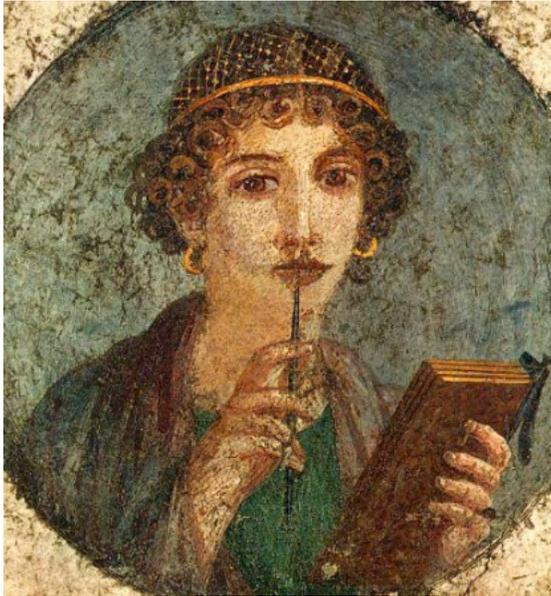
Aquela que ora foge, logo te seguirá,  
a que favores recusa, os oferecerá,  
e se não ama, em breve,  
contravontade amará.”

Vem pois a mim, e agora,  
dissolve o duro tormento,

ocorra o que anseia minh'alma,

alia-te a mim, Afrodite!

*Parte do poema Ode a Afrodite, Safo, tradução de Fabio Malavoglia  
(In.:Joaquim FONTES, 1992/1993, p. 71)*



*Woman with wax tablets and stylus (so-called “Sappho”), imagem de domínio público.*

Orar, pedir e se relacionar de maneira próxima com uma deusa – a Afrodite – faz de Safo uma precursora da valorização que os círculos sagrados de mulheres fazem às deusas.

Assim como este grupo de Wicca (Círculo Sagrado Vale das Brumas), outras iniciativas similares de acolhimento às mulheres lésbicas e combate público à violência contra pessoas LGBTQIA+ têm se destacado na última década em coletivos pautados em uma junção contemporânea entre espiritualidade e autoconhecimento, voltada à figura a que Danièle Hervieu-Léger (2008) chamou de “peregrino”, que constrói, de forma autônoma e descolada das religiões institucionais e seus ritos, as experiências que conferem à sua vida sentido existencial e espiritual. A imagem do peregrino ou da peregrina nos remete à perspectiva de busca e de caminhada leve, sem amarras. No tarô tradicional, conhecido como Tarô de Marselha, a figura do peregrino está representada pela carta 0 ou 22, chamada de o Louco, o Tolo, ou ainda o Bobo, que traz a imagem de uma pessoa carregando uma trouxa leve nas costas, caminhando com tranquilidade e certa inocência, olhando o horizonte e não se importando com desafios do caminho, representados por animais perigosos e abismo. É uma figura sem apegos, que busca viver a plenitude do momento.

Na linguagem junguiana, a/o peregrina/o está atrelada/o ao arquétipo do Trickster e que foi definido por Carl Jung (2000) como um dos principais arquétipos da psique, que navega entre aspectos sombrios da humanidade e personas desafiadoras para o status quo. O Trickster condensa diversas imagens que envolvem transgressão à ordem vigente em diferentes níveis e formas. É, ao mesmo tempo, o/a andarilho/a livre e descompromissado/a com as formalidades, o/a fora da lei, o/a anti-herói/anti-heroína que desafia os padrões em torno de uma ética e estética transgressora e incômoda, o/a bufão/bufona, o/a palhaço/a, o/a tirador/a de sarro, que de forma lúdica, bizarra, fantasiosa, indigesta, carrega certo escárnio em relação ao sistema vigente. Figuras clássicas de Trickster são o personagem Coringa, o Zé Pilintra, Macunaíma, entre outros/as.

O Louco do tarô, além de se caracterizar como o andarilho livre de amarras e apegos relativos a uma vida enquadrada no sistema, apresenta-se como o bufão ou o bobo da corte, que sobrevivia de piadas sobre a realeza para a própria realeza. E, sendo louco, está inevitavelmente, à margem do sistema normativo sobre normalidade e loucura.

Danièle Hervieu-Léger (2008) captou uma das imagens arquetípicas do Trickster ao destacar o peregrino como um tipo ideal contemporâneo do buscador e da buscadora religiosa/espiritual, sem as amarras das instituições religiosas, de seus ritos e dogmas. É nesse tipo de universo religioso que transitamos nesse artigo, em diálogo com o universo sacralizado das lésbicas.

No universo gay masculino, também vemos iniciativas que associam espiritualidade dos círculos sagrados com defesa pelos direitos humanos LGBTQIA+. O grupo *Radical Faeries* ou Fadas Radicais, fundado pelos ativistas gays Harry Hay Jr. e Don Kilhefner em 1979 na Califórnia, EUA, está em consonância com essa imagem do/a peregrino/a e do que Danièle Hervieu-Léger (2008) chama de “modernidade religiosa”, com ênfase em características como subjetivização e individualização da crença e insubordinação a qualquer instituição religiosa.

A fala que se segue é de um seguidor do *Radical Faeries* e foi coletada pelo jornal *The Guardian* ao cobrir o evento *Saturday at San Francisco Pride*<sup>6</sup>:

“Não gosto que ninguém me diga quem sou ou quem tenho que ser. Isso é um anátema para a minha essência. Eu sou autodefinido e autodescrito e isso é meu direito.” disse Storm Arcana, 42.

*Radical Fairies* já tem grupos de círculos sagrados na Europa, Oceania, Ásia e em alguns países da América Latina, considerando Américas do Sul e central, como México, Colômbia e Porto Rico. E que se autodescrevem como: “homens gays que procuram uma dimensão espiritual para nossa sexualidade; muitos de nós são curandeiros de um tipo ou de outro. Nossos valores compartilhados incluem feminismo, respeito pela Terra

6 <https://www.theguardian.com/world/2015/jun/28/facebook-rainbow-colored-profiles-san-francisco-pride>. Acesso em maio de 2022.

e responsabilidade individual em vez de hierarquia. Muitos de nós são pagãos (religião baseada na natureza)<sup>7</sup>.

O movimento tem cobrado as redes sociais, como o Facebook, a eliminar discriminações e restrições ao uso do nome social e outras ações em nome dos grupos LGBTQIA+.

Voltando ao universo do lesbianismo e espiritualidade, o grupo Namastu, portal de autoconhecimento, promoveu em setembro de 2019 a Vivência Terapêutica – Sagrado Lesbiano, citando “os poemas líricos de Saffo de Lesbos”. Assim, o grupo explicou em sua página o significado dessa experiência:

(...) a Deusa Saffo de Lesbos, recita poemas líricos para suas alunas. Esta será uma vivência sagrada para celebrar nossa existência lésbica. Nas oficinas de Ginecologia Autônoma, a terapeuta Mayza Dias sentiu a necessidade de criar um workshop exclusivo para lésbicas e bissexuais. Não por acaso, a necessidade de sobrevivência, a heteronormatividade ocupa boa parte das conversas e discussões nos círculos de mulheres. Eis que no mês da VISIBILIDADE LÉSBICA, ela irá facilitar este círculo, tão cheio de minúcias afetivas e meandros subversivos. Mais do que isso, um espaço de discussão, formação e orientação sobre saúde lésbica. Uma vivência de conexão com nossa vulva, na perspectiva do sagrado feminino sapatônico. Um olhar de ternura e amor para nossa trajetória de mulher lésbica e/ou bissexual, para acolher nossas memórias particulares e necessidades mais íntimas. As vagas são limitadas. Valor de troca: 80,00. Duas vagas para cotas étnico-racial. (NAMASTU. <http://namastu.com.br/noticias/vivencia-terapeutica-sagrado-lesbiano/>, acesso em maio de 2022).

O “sagrado feminino sapatônico” citado na postagem do grupo de autoconhecimento e espiritualidade Namastu traz essa importante imagem de desconstrução dos essencialismos e binarismos presentes na perspectiva de senso comum do sagrado feminino e masculino. Em artigo anterior (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019) apresentamos o termo: “sagrado não binário”, indicando a possibilidade de maior fluidez para a sacralização nos círculos sagrados, abrindo caminhos para uma maior inclusão das pessoas LGBTQIA+ por meio de uma revisão cosmológica e epistemológica, que envolve uma compreensão mais profunda da leitura junguiana para estes grupos.

A homossexualidade e o homoerotismo de Safo não são um consenso na literatura, conforme indica Sandra Boehring (2007), além disso, pensar a orientação sexual há mais de dois mil anos não deve ser sob os mesmos padrões da atualidade. No entanto, isso propriamente não importa, já que o simbolismo da academia das mulheres de Lesbos, junto das poesias de Safo trouxeram uma espécie de mito de origem ao universo das mulheres lésbicas. Conforme vimos, várias imagens ligadas a essa origem mítica vão inspirando grupos lésbicos.

---

7 <http://www.radfae.org/about>. Acesso em maio de 2022.

É o caso do grupo Tambores de Safo, que veio da militância de LAMCE – Liberdade do Amor entre mulheres no Ceará, e que utiliza a música e a arte para manter reflexões críticas feministas e de combate ao machismo e homofobia. Segundo Lettícia Leite (2017), o Tambores de Safo propõe “rodas de debate, oficinas de produção dos instrumentos de percussão e performances musicais, (...) escolas para jovens mulheres, práticas lésbicas”.

Apesar de não ser consenso a homossexualidade de Safo, e sim algo mais simbólico, como já indicamos, muitos fragmentos de poesias de Safo demonstram como a temática do amor era central seus escritos.

“Eros sacudiu minh’alma como o vento que rola da montanha e cai sobre a fronde de carvalho...” (fragmento 44) Safo (In: Joaquim FONTES, 2021)

“Qual coisa é mais linda sobre a terra sombria? De. infantes ou cavaleiros a tropa que desfila? No mar, bem posta esquadra de navios? Quanto a mim, penso: Belo é tudo aquilo que se ama.” (fragto. 27) Safo (In: Joaquim FONTES, 2021)

“Há tanto tempo eu te amo, minha Átis!”

(Fragto. 41) Safo (In: Joaquim FONTES, 2021)

E foi com uma mensagem de amor e cumplicidade entre as mulheres de Lesbos, que puderam exercitar sua autonomia e espontaneidade na construção da inteireza do ser, que Safo tornou-se símbolo dessas iniciativas, que integram espiritualidade e ativismo lésbico. Nesse sentido, Carolina Guiñez (2019, s.p.) diz:

a individuação de uma mulher que ama outra mulher é um processo alquimista, através do qual todo o processo de criação se repete através da criação de si mesma e de seu próprio mundo. O que fazemos através desse processo é criar nossa própria existência, construindo espaços de resistência ao patriarcado, onde podemos estar e nos expressar de novas maneiras.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória deste texto costurou imagens e símbolos em forma de poesias, orações, vivências, artes e expressões em geral, ligadas ao lesbianismo e aos círculos sagrados, identificando como aos poucos vão se abrindo espaços para a presença LGBTQIA+ nesses grupos, mesmo que ainda haja reforço aos binarismos de gênero e transfobia, principalmente. As mulheres lésbicas, por sua vez, passam aos poucos a encontrar pequenos nichos de representatividade nos círculos e dentre estes espaços, ter uma referência de origem como Safo e as mulheres de Lesbos, que envolve um período clássico da história em que homens dominavam os espaços literários e de representatividade em geral, torna-se um símbolo de inspiração.

As trombetas, as poesias, o machado de Labrys, as reuniões de mulheres, as

danças, as orações à deusa do amor... muitas foram as imagens que aqui visitamos como ao mesmo tempo referências míticas, e também corporificadas, porque reais, concretas, situadas na vida das mulheres de Lesbos e das mulheres lésbicas que têm se inspirado com estes movimentos.

Como já realizamos em artigo anterior (Clarissa FRANCO; Eduardo MARANHÃO Fo., 2019), nossa tarefa entre outras, também foi de reforçar que existem caminhos para a possibilidade de se configurar sagrados lésbicos, sagrados transgênero, sagrados não binários, sagrados gays, que possam encontrar ecos entre experiências terrenas e corpóreas de defesa de direitos LGBTQIA+, ao lado de experiências espirituais, sagradas, transcendentais e religiosas. Tais universos não se excluem, são importantes dimensões humanas que precisam de espaços.

Finalmente, considerando a abordagem que aqui escolhemos, terminamos com mais uma bonita declaração de Carolina Guiñez (2019, s.p.):

Diversas sexualidades contribuem, dessa forma, para a individuação coletiva, trazendo as transformações sociais necessárias para a expansão da consciência humana. A transformação individual tem um efeito sobre o grupo ao qual pertence, de modo que a individuação não é apenas uma conquista individual, mas beneficia o coletivo.



Machado de Labrys - <http://sagrado-feminino.blogspot.com/2010/01/labrys-machado-da-deusa.html>. Acesso em maio de 2022

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. O Corpo na Teoria Antropológica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 33: 49-66, 2004.

ANTUNES, Leonardo. Safo - **Fr. 1 e Fr. 31**. Nuntius Antiquus, Belo Horizonte, v. 4, 2009.

BOEHRINGER, SANDRA, **L'Homosexualité féminine dans l'Antiquité grecque et romaine**. Paris, Les Belles Lettres, 2007.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 431-449, 2015.

CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, Espiritualidade e Conjugalidades na Wicca Brasileira. Dossiê Religião e sexo. **Relig. Soc.** 37 (1), Jan 2017.

DEL MORAL, Maite. **Prólogo**. In NEUMANN, Eric. *Psicología profunda y nueva ética*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

DEL PICCHIA, Beatriz; BALIEIRO, Cristina. **Círculos de Mulheres: novas irmandades**. São Paulo: ed. Ágora, 2019.

FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**. São Paulo: Pensamento, 2011.

FONTES, Joaquim Brasil. A tecelã de intrigas. **Clássica**, São Paulo, 516: 69-82, 1992/1993.

FONTES, Joaquim Brasil. **Safo de Lesbos: poemas e fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 2021.

FRANCO, Clarissa De; MARANHÃO Fo., Eduardo Meinberg de Albuquerque. Sagrado Não-Binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino. **Revista Mandrágora**. V. 25, n. 2, 2019.

GUIÑEZ, Carolina. Alquimia del deseo lesbiano. **Revista Fuga**, maio 2019. Disponível em: <https://revistafuga.home.blog/>, acesso em abril de 2022.

HANSEN, Luana; OLIVEIRA, Dory de; QUEEN, Tiely. **Rap LES Queens\$**, 2015. Disponível em: <https://soundcloud.com/les-queens/les-queens>, acesso maio de 2022.

HARAWAY, Donna. SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5): pp. 07-41, 1995.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Obras completas Vol 8/1: A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1916/2021.

JUNG, Carl Gustav. **Obras completas Vol. 8/2: A Natureza da Psique**. Petrópolis, Vozes, 1931/2012.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

JUNG, Carl Gustav. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. In: JUNG, Carl. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

KEIRBEL, Valeria. Epistemologia(s) tortillera(s) para una Psicología Analítica (im)posible. **Revista Fuga**, maio 2019. Disponível em: <https://revistafuga.home.blog/>, acesso em abril de 2022.

KRISTEVA, Julia. "Approche de l'abjection". **Pouvoirs de l'horreur: Essai sur l'abjection**. Paris: Éditions du Seuil, pp. 07-27, 1980. Tradução ao português de Allan Davy Santos Sena.

LEITE, Lettícia Batista Rodrigues. Quando a "décima musa" inspira raps e tambores: dos usos políticos da figura de Safo por vozes lésbicas e feministas no Brasil contemporâneo. **Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017. p. 564-578

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. **Escritos de una lesbiana oscura: reflexiones críticas sobre feminismo y política de identidad en América Latina**. Buenos Aires: En la Frontera, 2007.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas Modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de Wicca. **Campos** 5(2):157-172, 2004

PENNA, Eliane. **Epistemologia e método na obra de C G Jung**. São Paulo, Educ: 2014.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre visibilidade lésbica e ocupação dos espaços. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 61, e611, 2020.

MELO, Indianara Pereira. **Entre os mundos: uma reflexão na ótica da psicologia analítica sobre o neo-paganismo, imaginação ativa e a contemporaneidade**. Pós-graduação em Teoria e Psicoterapia Junguiana. Faculdade Hélio Rocha – Salvador BA, 2013.

ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá; OLIVEIRA, Elton Bruno Amaral. INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS QUEER NO PAGANISMO CONTEMPORÂNEO. **Revista Gênero & Direito**. V. 3, n. 1, 2014.

#### Sites:

<http://namastu.com.br/noticias/vivencia-terapeutica-sagrado-lesbiano/>. Acesso em maio de 2022

<https://www.instagram.com/lesbianasjinguianas/>, acesso em abril de 2022

<https://www.facebook.com/LJgrupodeactivismo/>, acesso em abril de 2022.

<https://revistafuga.home.blog/>, acesso em abril de 2022

<https://www.facebook.com/ValeDasBrumas/>, acesso em maio de 2022.

<https://www.femininosagrado.com.br/ha-muito-preconceito-contra-lesbicas/>. Acesso em maio de 2022.

<https://www.theguardian.com/world/2015/jun/28/facebook-rainbow-colored-profiles-san-francisco-pride>. Acesso em maio de 2022.

<http://www.radfae.org/about>. Acesso em maio de 2022.

<http://sagrado-feminino.blogspot.com/2010/01/labrys-machado-da-deusa.html>. Acesso em maio de 2022.

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE